

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília Class.: Ticuna 229

Data: 12/12/91 Pg.: _____

EDUCAÇÃO

Lição de índio combate a aula branca

Povo *Ticuna* escreve livro bilingüe para compreender e transmitir suas lendas e sua história nas escolas da aldeia

ZENAIDE AZEREDO

Resgatar a história e tradições das populações indígenas que viviam em terras brasileiras, antes da chegada dos portugueses, sempre foi uma preocupação de antropólogos, sertanistas e indigenistas. O pouco, porém, que se sabe sobre os mitos e lendas de cada grupo indígena não está escrito nos livros didáticos adotados nas escolas brasileiras. Nem mesmo naqueles destinados à alfabetização de crianças índias, que como africanos, árabes e outros povos colonizados são obrigados a aprender e absorver a civilização do branco colonizador.

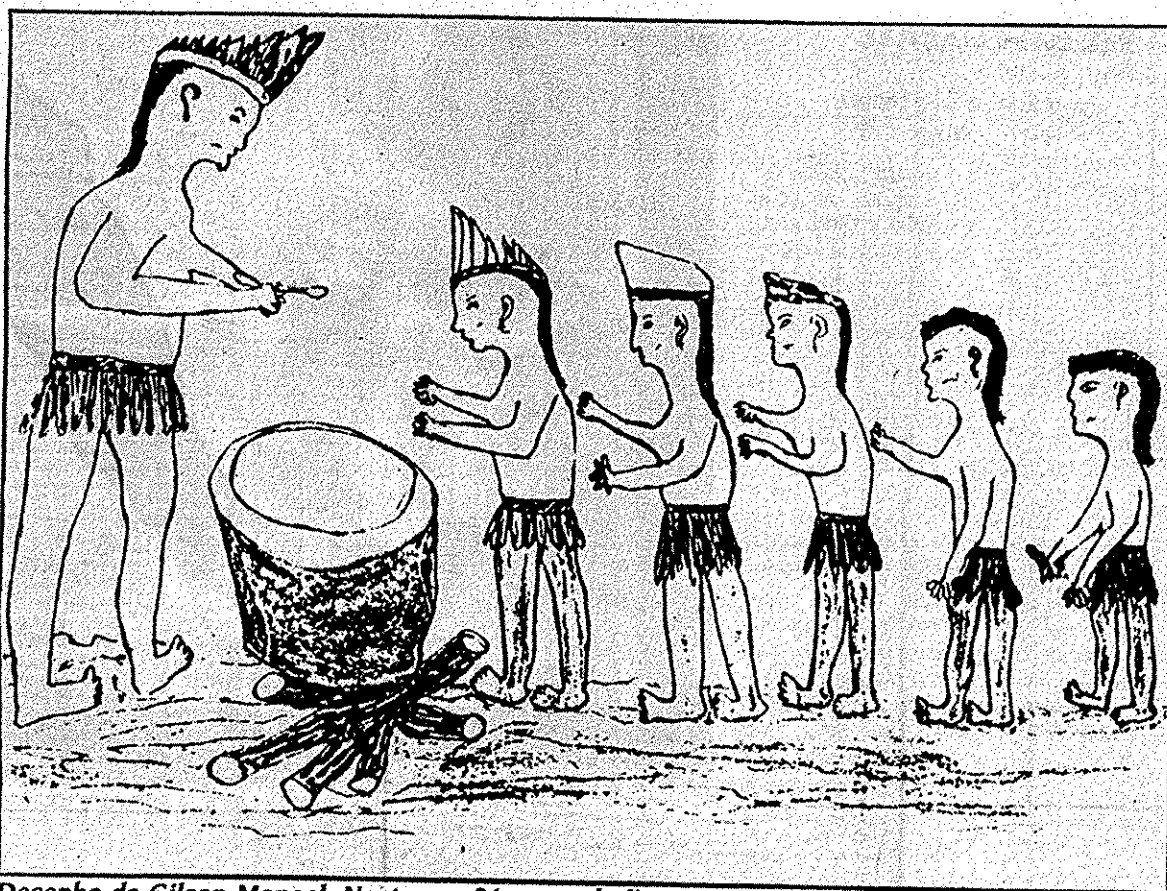
No Brasil, um povo indígena da Amazônia — os índios Ticuna ou povo Maguta — começa a desenvolver um movimento contrário, contando nas suas escolas as tradições e cultura de seus antepassados, tudo coletado em livro — o *Torü Du'u'Ugü* ou *Nosso Povo*, editado pelo Museu Nacional, UFRJ e MEC em duas línguas — português e Ticuna.

Fruto de um projeto de alfabetização de índios ticuna, este livro de mitos e lendas, orientado, conduzido e desenhado pelos próprios índios e uns poucos brancos do Centro Maguta. Publicado em 1985, ele já faz parte do programa curricular aplicado nas escolas das aldeias Ticuna, localizadas em terras dos municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá e Tocantins.

Espalhado ao longo da fronteira com Peru e Colômbia, rio Solimões, seus afluentes e ilhas, o grupo Ticuna, de aproximadamente 23 mil índios, foi pela primeira vez contactado pelo homem branco no século XVII, quando suas terras foram invadidas por seringalistas e comerciantes.

Depois de três séculos de domínio branco e de luta pela posse de suas terras, os índios Ticuna podem ser classificados, atualmente, como o mais organizado grupo indígena, com 170 professores índios, atendendo a mais de 4 mil 500 alunos. Administrando suas próprias escolas, os Ticuna baseiam seu ensino na defesa de uma educação voltada para suas necessidades, valores e padrões culturais.

O princípio — O livro *Torü Du'u'Ugü*, escrito em língua ticuna



Desenho de Gilson Manoel, Ngetecu, 26 anos, do livro *Nosso Povo: professores índios*

e traduzido para o português, traz a história da origem do povo Maguta, "o povo do princípio do mundo, que estava aqui antes mesmo do branco existir", conforme sentenciou um dos chefes da aldeia.

As crianças que hoje estudam no livro, em sua língua, não mais aprendem que a civilização surgiu de Adão e Eva, conforme lhes foi cuidadosamente ensinado pelos missionários católicos. Sob um clima de intenso misticismo, onde existem apenas índios, animais selvagens e uma natureza indomada, as crianças Ticuna da Amazônia estão aprendendo que seus ancestrais são Yoi e Ipi. Que o local onde estes dois irmãos viveram é também a terra imemorial, o local sagrado, o local da origem Maguta, a terra que lhes pertence e que ainda hoje é alvo de cobiça de fazendeiros brancos.

Preocupados em resgatar a identidade Ticuna, tentando mostrar-lhes que sua história e cultura estão cheias de dignidade, os apresentadores do *Torü Du'u'Ugü* — *Nosso Povo* assim explicam a origem do livro: "A finalidade era fazer um livro diferente, onde os Ticuna pudessem reencontrar casos e

personagens que lhes são familiares e que só eles conhecem. Não como os outros livros que chegam nas escolas ou andam nas mãos de alguns, falando somente das coisas dos brancos, como se só estas coisas tivessem valor; da conquista do Amazonas como se o índio fosse um invasor, um não brasileiro, que atrapalhasse o progresso do País".

As histórias que aparecem no livro, cuja versão Ticuna tem 64 páginas e é ilustrado com desenhos dos índios, foram narradas pelas pessoas mais velhas das aldeias de Vendaval, Campo Alegre, Belém do Solimões, Piranha, Bom Caminho, Bom Intento, Porto Cordeirinho e Santo Antônio.

A história — "Nori arü ügü ga ore ga mucüma'ü ga torü ga na nhuhaacü y'i'ü. Tradução: "Aqui começa a história do tempo dos antigos", inicia o *Torü Du'u'Ugü* revelando que "antes do mundo existir, Ngutapa já existia". Ngutapa, um índio Ticuna "que. Io teve pai nem mãe", era casado com Mapana. Moravam no igarapé Tonetü. Não tinham filhos e um dia, quando iam caçar, começaram a brigar. "Ngutapa agarrou sua mulher e lhe deu

uma surra", diz o conto, para em seguida revelar que Mapana é libertada por um canã (gralha) e se vinga de Ngutapa, ferindo-o nos joelhos e jogando-lhe uma casa de "caba" (marimbondo) em cima. Ferrados pelos insetos, os joelhos de Ngutapa começaram a inchar. E cresceram tanto, tanto, que de cada qual saíram dois casais, "os homens com suas zarabatanas e as mulheres com seus cestos". Os homens — Yoi e Ipi — e as mulheres — Mowatcha e Aicüna — constituem-se no cerne da nação Maguta, na origem de todo o povo Ticuna. As estórias contadas no livro recriam o mito da imortalidade daquele povo, da solidariedade e da integração total entre animais e homens.

Ngutapa — o pai dos dois heróis — por exemplo, não morre, apesar de engolido por uma onça, que por sua vez vai parar na barriga de um jacaré.

Depois de muitas peripécias, em que os filhos de Ngutapa — Yoi e Ipi — conversam com onças, cupins, cigarras, e outros bichos, transformam Aicüna em jacaré e chamam um personagem de nome Cawa para sorver a água do rio. Ngutapa, o pai, é retirado da barri-

ga do jacaré e revive através da reconstituição de todos os seus pedacinhos de carne.

Eva Ticuna — A transformação de índios Ticuna em animais e frutos silvestres, e vice-versa, ocorre em todas as lendas do livro e com uma frequência talvez maior que as transfigurações e milagres contados na Bíblia.

A primeira mulher que surge na história dos Ticuna à exceção de Mapana — mulher de Ngutapa apenas, mas não a mãe de Yoi e Ipi — é Tetchi arü ngu'ü, concebida à semelhança de Eva, e tal qual a musa do cristianismo, envolvida num tema de fruto proibido.

Depois dos dois heróis Ticuna criarem o dia cortando os galhos de uma árvore típica da Amazônia — a samaumeira —, Ipi consegue fazer com que o coração retirado do tronco desta árvore se transforme numa planta. O primeiro fruto da planta, um umari, é o fruto que Ipi quer comer, pois sabe que dele surgirá uma moça. Por um acaso, o umari (ou Tetchi arü ngu'ü) cai da árvore num dia em que Ipi havia saído para caçar. Yoi, o irmão, naturalmente esconde a moça em casa, apesar de Ipi tê-lo proibido de pegar o umari. Yoi mente ao irmão dizendo que de nada viu ou sabe. Chega o dia de Yoi sair para a caça e Ipi se desforra. Ele encontra a moça do umari escondida dentro de uma flauta. Ipi "habita" com ela e quando Yoi volta já encontra Tetchi arü ngu'ü barriguda. Ipi tenta enganar o irmão, sem resultado. Yoi se zanga, manda a moça do umari embora e induz o irmão Ipi à morte. Só que, ao contrário dos irmãos da Bíblia, Caim e Abel, Yoi se arrepende e traz Ipi de volta à vida humana, resgatando-o de um rio sob a forma de peixe. Aliás, foi assim que surgiu o povo Ticuna. Todos os peixes que Yoi pescou transformaram-se no povo Maguta. Ipi, por seu turno, já sob a forma humana também pesca sua gente, "mas eram todos peruanos", observa o historiador ticuna.

Como só existia uma nação, cujos membros não podiam casar entre si, Yoi e Ipi mataram uma jacararana (réptil de hábito aquático), cortaram o animal em pedacinhos e o colocaram num pote bem grande para ferver. Cada pessoa que bebia do caldo saía para formar sua própria nação. E "beberam até que se criaram todas as nações que existem hoje", finaliza a história do *Torü Du'u'Ugü* — em sua versão ticuna sobre a origem do mundo.